

#cm

2

TERÇA-FEIRA

TEM BEAST NA BOSSA

A Universal Music antecipa os 90 anos de Roberto Menescal com 'Pure Bossa Remixes, álbum em que seis DJs de três continentes costuram as melodias de um dos pais da Bossa Nova ao som da house, do funk carioca e do drum'n'bass. Aos 88, o violonista segue em campo: gravando, produzindo e provando que a bossa é sempre nova. Página 3

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Ana Clara Miranda/Divulgação

A soprano Georgia Szpilman interpreta o papel-título

A paixão de Domitila cantada no Municipal

A Sala Mário Tavares, anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Rua Almirante Barroso, 14/16, Centro), recebe sexta-feira (30) e domingo (1º de novembro), às 11 horas, a ópera de câmara “Domitila”, do compositor João Guilherme Ripper. Com direção cênica de Isabel Guéron e a soprano Georgia Szpilman no papel-título, o espetáculo promete uma imersão na história de amor proibido en-

tre o Imperador Dom Pedro I e sua grande paixão, Domitila de Castro, a Marquesa de Santos. Baseada nas cartas apaixonadas que o imperador escreveu à sua amante, a ópera reconstrói o último dia de Domitila na corte, quando é forçada a se despedir do amado. Direção musical de Maria Luisa Lundberg, com Nayara Tamarozzi (violoncelo) e Moises Santos (clarinete). Ingressos a partir de R\$ 25.

OPES recebe o MPB4

Nesta quarta (28), às 20h, a Orquestra Petrobras Sinfônica e o MPB4 se encontram no Teatro Riachuelo Rio para a primeira apresentação do projeto MPB4 Sinfônico, álbum que celebra a trajetória de um dos grupos mais importantes da música popular brasileira em diálogo com a sonoridade sinfônica. Sob regência do maestro Felipe Prazeres, o concerto reúne quatro vozes que atravessam gerações e grandes clássicos da MPB que fazem parte da história do MPB4, agora apresentados em arranjos para orquestra. A partir de R\$ 50.

Orquestra e piano

OSB segue no Festival Brahms-Schumann, com Marcelo Lehninger (regência) e Jean Louis Steuerman (piano). Sábado (31), às 17h e domingo (1º), às 11h, na Sala Cecília Meireles. Ingressos a partir de R\$ 20.

Eu recomendo!

O álbum “The Köln Concert”, do pianista americano Keith Jarret, disponível no streaming, para acalmar os corações e preparar o espírito para as emoções dos próximos quatro anos. É tão bom quanto chá de camomila!

Moacir Santos em modo furioso

Continuam as homenagens a Moacir Santos na Casa do Choro (Rua da Carioca 38), na quarta e quinta-feira (28 e 29), sempre às 19h. A Orquestra Furiosa Portátil, com regência de Pedro Aragão, celebra a obra do mestre, com a participação especial de Nailor Proveta (clarinete). Ingressos a partir de R\$ 40.



Mari Dantas/Divulgação

Em sintonia fina com a memória

Autobiografia de Mu Carvalho refaz meio século de música brasileira, d'A Cor do Som às trilhas sonoras

O menino Mu Carvalho queria ser pintor. O piano da mãe e a casa cheia de música decidiram outro rumo. Filho de uma pianista e irmão do baixista Dadi Carvalho, dos Novos Baianos, da pesquisadora de MPB Heloísa Tapajós e do produtor Sérgio Carvalho, ele cresceu ouvindo compositores clássicos e uma família igualmente tomada pela música. Essa trajetória emerge das páginas da autografia “Memórias Sintetizadas”, que o músico acaba de lançar.

Aos 16 anos, Maurício Magalhães de Carvalho — o Mu do nome artístico — estreou no grupo Semente, ao lado de Cláudio Nucci, Cláudio Infante e Zé Luiz. Na segunda metade dos anos 1970, compunha já com a mistura de ritmos brasileiros, jazz e rock progressivo que daria fôlego à carreira. Com Dadi, acompanhou Jorge Ben e Moraes Moreira; da banda de apoio do primeiro álbum solo de Moraes nasceu a A Cor do Som, estreando em 1976. Em 1978, no Festival Choro da TV Bandeirantes, o grupo foi a grande revelação com “Espírito Infantil”, um choro moderno e elétrico com o tempero da jazz fusion. No mesmo ano, Mu tocou com Gilberto Gil no Festival de Jazz de Montreux.

Dadi, que segurou o baixo na banda do irmão, registra no livro a química do conjunto: “Quando formamos A Cor do Som, as composições do Mu foram determinantes para a sonoridade da banda. O encaixe entre ele e o Armandinho, estabelecido pelo gosto em comum por choros, frevos e baiões, contribuiu para a mistura com o rock and roll”. A fórmula sustentou a A Cor do Som por quase meio século — 14 álbuns do grupo e oito solo, num caso raro de formação unida e criativa por tanto tempo.

Em 1990, Mu excursionou com a Legião Urbana, participando do álbum “Música para Acampamentos”. Quatro anos depois, contratado pela Rede Globo, tornou-se



Ana Zingoni/Divulgação

Em “Memórias Sintetizadas”, Mu Carvalho discorre sobre a trajetória do menino que sonhou ser pintor ao músico consagrado



Divulgação

autor e produtor de trilhas de inúmeras novelas, séries e filmes — ofício que conviveu sempre com a canção: “Terra do Nunca”, “Semente do Amor” e “Swingue Menina”, com Moraes Moreira, estão entre seus

clássicos.

O livro tem prefácio de Tuca Oliveira e apresentações de Gilberto Gil, Juarez Fonseca, Dadi Carvalho e Eduardo Bueno. Gil lembra de “um músico com talento natural”, de “absorção do meu estilo”, e destaca “uma doçura e uma quietude que me impressionaram”. Tuca celebra a chance de reler episódios notáveis da MPB “a partir do olhar de alguém que não apenas os testemunhou, mas os viveu intensamente, como protagonista”.

Juarez Fonseca conta que, em dezembro de 2024, enquanto a A Cor do Som se apresentava no Festival Choro Jazz, em Jericoacoara, pensou: “bem que eles mereciam um livro”. O desejo virou papel. E Eduardo Bueno convida o leitor a calçar os blue suede shoes, “confortáveis feito um sapato velho”, e sair da linha por essa yellow brick road. A brincadeira tem fundamento: “Sapato Velho”, de Mu com Cláudio Nucci e Paulinho Tapajós, é um dos maiores sucessos de sua autoria.

Washington Possato/Divulgação

Universal Music lança álbum em que seis DJs revisitam o repertório de um dos pais do gênero às vésperas de seus 90 anos

AFFONSO NUNES

A Universal Music Brasil acaba de lançar “Pure Bossa Remixes – Roberto Menescal”, álbum que antecipa as comemorações dos 90 anos do cofundador da bossa nova, a serem celebrados em 25 de novembro de 2027. São seis faixas assinadas por seis DJs — DJ Marlboro, Gui Boratto, Tata Ogan, Diogo Strausz, DJ Spinna e Nicola Conte — que atravessam o repertório do músico com house, soul, funk, afro house e drum’n’bass, sem perder de vista as eternas melodias de Menescal.

A produção executiva é da cantora Patty Ascher, pupila de Menescal, e do A&R, DJ e produtor Béco Dranoff, que idealizaram o projeto e viram a proposta acolhida de imediato pela gravadora.

Aos 88 anos, Menescal tem uma agenda de shows, gravações e produções que não dá trégua. Capixaba de Vitória, criado no Rio, foi um dos organizadores dos primeiros shows de bossa nova no Grupo Universitário Hebraico e tocou no Carnegie Hall em 1962, ao lado de Tom Jobim, Carlos Lyra e João Gilberto.

Sua mais famosa composição, “O Barquinho”, parceria com Ronaldo Bôscoli, nasceu em 1961 do barulho de um motor de barco avariado no mar de Cabo Frio — a bateria havia acabado, e o som da manivela virou melodia. Gravada no ano seguinte por Maysa, Pery Ribeiro e Paulinho Nogueira, a canção tornou-se um dos hinos do gênero. Com Bôscoli, seu parceiro mais constante, somou perto de duas centenas de composições, entre elas “Você”, “Nós e o Mar” e “Bye, bye Brasil” — três delas revisitadas neste álbum.

Há outro Menescal, menos visível ao grande público: o produtor. Foi ele quem assinou discos de Elis Regina, Nara Leão, Chico Buarque, Maysa, MPB4 e Maria Bethânia, e quem subiu ao palco do Mídem, em Cannes, ao lado de Elis, em 1968. A Academia do Grammy Latino lhe entregou o Prêmio à Excelência Musical, e ele calcula em cerca de mil as mú-



Depois da experiência com o Bossacucanova, Roberto Menescal volta a ter suas canções em versões remixadas

A bossa é sempre nova!



“Estou sem palavras com esse projeto. A criatividade das releituras e a elegância do conceito me pegaram de surpresa”

ROBERTO MENESCAL

sicas compostas em mais de seis décadas de ofício. Também foi professor: com Carlos Lyra, abriu uma academia de violão que formou gerações de alunos — e o hábito de ensinar e trocar com os mais jovens tornou-se uma de suas marcas.

É justamente esse diálogo com as novas gerações que o álbum conseguiu captar. “Eu estou sem palavras com esse projeto. A criatividade das releituras e a elegância do conceito me pegaram de surpresa”, derrete-se Menescal, que segue gravando, produzindo e fazendo shows pelo mundo.

“Menescal ajudou a dar à música brasileira uma identidade que o mundo reconhece e admira. Mesmo com uma trajetória tão marcante, nunca perdeu a curiosidade pelo novo nem a vontade de trocar com outras gerações”, comenta Paulo Lima,

presidente da Universal Music Brasil. “Este projeto nasce desse espírito: celebra um repertório essencial da nossa música e abre caminhos para novas interpretações, mostrando como sua obra segue viva e continua inspirando artistas, produtores e DJs ao redor do mundo”, completa.

“Abrir seu universo musical para diferentes gerações de DJs, criando um projeto que conecta a delicadeza da bossa nova com os beats, texturas e possibilidades sonoras da música contemporânea é sensacional. A bossa é sempre nova!”, anima-se Branof. “O resultado é um álbum que não apenas revisita o legado da bossa nova, mas reimagina sua linguagem mais contemporânea do que nunca”, destaca Patty Ascher.

O elenco medeia a distância entre a Zona Sul dos anos 1960 e a pista de dança de agora. DJ

Marlboro, pioneiro e figura fundamental do funk carioca, costura a bossa com o ritmo que também nasceu nas ladeiras do Rio e ganhou o mundo. Gui Boratto, um dos brasileiros de maior reconhecimento internacional na eletrônica, remixou “Você” num clima anos 80 e chamou Mariana de Moraes, neta de Vinicius de Moraes, para o vocal. Tata Ogan aproxima as referências culturais brasileiras da linguagem eletrônica em “Nós e o Mar”; Diogo Strausz transforma “Balansamba” numa experiência eletrônica atual; DJ Spinna, que transita entre hip-hop, house, soul e jazz, assina o remix de “Rio”; e Nicola Conte, o italiano ligado ao acid jazz, reescreve “A Morte de um Deus de Sal” num afro bossa rework que reencontra a bossa no território sonoro que mais a inspirou: o jazz.

Mase esta não é a primeira vez que a obra de Menescal passa pela eletrônica — nem a primeira em que ele mesmo puxa o movimento. No fim dos anos 1990, três jovens produtores — Alex Moreira, Marcelinho Da Lua e Márcio Menescal, seu filho — passavam os intervalos de trabalho no estúdio do mestre “envenenando” bossa nova e afro-sambas com batidas eletrônicas. Do convívio nasceu o Bossacucanova, que estreou em 1999 com “Revisited Classics”, disco de remixes de clássicos do gênero, e alcançou o auge dois anos depois com “Brasilidade”, no qual convidou Roberto Menescal como parceiro.

O álbum rendeu ao grupo uma indicação ao Grammy Latino de 2002, na categoria Melhor Álbum Pop Contemporâneo Brasileiro — e o veterano subiu ao palco da cerimônia, em Los Angeles, ao lado do trio. A parceria seguiu: em 2019 assinaram juntos “Bossa Got The Blues”.

Em 2027, quando fizer 90, Menescal terá visto sua obra passar por sambistas, jazzistas, orquestras e agora DJs de três continentes, comprovando o alcance universal deste que o maior cartão de visitas da música brasileira mundo afora. A bossa é sempre nova!



Rejane Faria estrela o brasileiro 'Adeus Verão', selecionado para a competição oficial da Mostra de SP

Bandeira Paulista em jogo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A 50ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo definiu os 15 concorrentes ao Troféu Bandeira Paulista, escolhido a partir da votação do público. Entre os 115 filmes de realizadores em início de carreira exibidos nesta edição, iniciada em

Maratona cinéfila da maior metrópole do país anuncia os candidatos a seu troféu principal, com .doc badalado em seu encerramento, na quinta

15 de outubro, as obras selecionadas receberam as melhores avaliações dos espectadores. A disputa reúne produções de diferentes países e inclui dois títulos brasileiros: "Adeus, Verão!", de Diego de Jesus, e "Hori-

zonte", de Jessica Candal.

A lista de concorrentes inclui ainda "A Convidada", de Mads Mengel (Dinamarca); "American Doctor", de Poh Si Teng (EUA, Palestina, Qatar, Malásia e Dinamar-

ca); "Aos Treze em Gaza", de Hosam Abu Dan (Palestina); "Brasas", de Sun Aoqian (China); "Chicas Tristes", de Fernanda Tovar (México, Espanha e França); "Cinco Anos, Quatro Meses", de Esteban Hoyos

García e Juan Miguel Gelacio (Colômbia e EUA); "Crônicas do Cerco", de Abdallah Alkhatib (Argélia, França e Palestina); "Edward Said: Entre Mundos", de Maiken Baird (EUA); "Meu Samba", de Hugo Salvaterra (Angola); "Mulheres da Revolução", de Mina Akbari (Irão, Alemanha e EUA); "O Beija-Flor Pinta Canções Perfumadas", de Matteo Norzi e Èlia Gasull Balada (Peru, EUA e Qatar); "O Julgamento de Hein", de Kai Stänicke (Alemanha); e "O Posto", de Sara Ishaq (Iémen, Jordânia, França, Alemanha, Países Baixos, Noruega e Qatar).

A escolha dos finalistas mantém uma tradição que acompanha as cinco décadas da Mostra. O público pode votar em cédulas distribuídas ao fim das sessões ou por meio do aplicativo oficial do evento. Agora, os filmes serão avaliados por um júri formado por quatro cineastas: a brasileira Laís Bodanzky, o norte-americano Boots Riley, o iraniano Ali Asgari e o colombiano César Augusto Acevedo. Além de eleger o Melhor Filme, o grupo poderá conceder distinções em outras categorias.

A cerimônia de premiação está marcada para quinta-feira, 29 de outubro, às 18h, no Teatro Cultura Artística. Na sequência, a Mostra encerra sua 50ª edição com a exibição de "You Can See Everything", documentário de Nathan Fielder e Lance Oppenheim, produzido pela A24. O filme acompanha os últimos dias de liberdade de Elizabeth Holmes, fundadora da empresa Theranos, condenada por fraude após prometer revolucionar os exames clínicos com uma tecnologia capaz de realizar testes a partir de uma única gota de sangue.

Com desempenho expressivo nas bilheteiras dos Estados Unidos, o documentário vem sendo apontado como possível candidato ao Oscar de Melhor Filme em 2027, uma perspectiva incomum para o histórico do paladar hollywoodiano.

Contatos imediatos com a excelência das Geraís

Conceição Evaristo, autora que hoje mobiliza livrarias no Brasil inteiro, firma-se como estrela em "Se Eu Fosse Vivo... Vivia", vencedor do Festival de Brasília que fala nesta terça-feira (27) por SP, na Mostra. Passa no Espaço Petrobras 2, 13h45. Num papo com o Correio da Manhã, anterior à filmagem dessa ficção científica de André Novais Oliveira, a escritora responsável por pérolas como "Canção de Ninar Menino Grande", explicou a sua visão de quietude: "Não existe silêncio eterno. Silêncio pode ser uma escolha, uma tática pra se gritar depois. Silenciamento, não. Esse é

opressão. E é contra ela que a palavra se impõe como uma força. Palavra é vingança. Palavras falam pelos orifícios das máscaras que usamos".

Pode-se encontrar essa visão de mundo pelos caminhos que a personagem de Conceição percorre no trabalho mais pujante do diretor de "Temporada" (2018), encarado como potência na cena do audiovisual feito em Contagem (MG). Seu roteiro faz de uma aparente simplicidade a colheita para suas tiradas existenciais.

"Diálogo é a parte de que eu mais gosto no roteiro e uso o que eu aprendo com a escuta. Ao chegar num bar,



Conceição Evaristo estreia como atriz em "Se Eu Fosse Vivo...Vivia"

eu ouço atento quem fala mais, quem fala menos. Ali eu acho verdades. Ao levar essa escuta para o cinema, eu não imponho o gênero em primeiro lugar. O absurdo nas situações que eu narro nesse novo filme é que me levam à ficção científica", diz Oliveira ao Correio num papo no Berlinalet Palast, protegendo-se de revelar a surpresa de sua trama.

Em "Se Eu Fosse Vivo... Vivia", a plateia é levada ao Brasil da década de 1970. Contagem ainda é uma cidade em crescimento e serve de lar a um jovem casal apaixonado. O jovem Gilberto pede perdão a uma moça, Jacira, pouco antes de

um encontro inesperado mudar o rumo das suas vidas. Cinquenta anos depois, os dois — agora interpretados por Norberto Novais Oliveira, o pai de André, e Conceição Evaristo — continuam juntos. São um casal carismático e afável, na casa dos setenta anos. Levam uma vida feliz, apesar dos problemas de saúde próprios da idade, partilhando quase todas as atividades diárias lado a lado. Quando Jacira é subitamente hospitalizada, Gilberto passa a viver acontecimentos perturbadores, numa espiral através do tempo e do espaço (literalmente), que o conduz ao desconhecido. (R. F.)

Divulgação



Belmonte usa nome fictício para falar da Universal; Bruno Garcia - em cena com Christian Malheiros - chega às raías do assombro como um pastor corrupto

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Caixinha de surpresa, o prolífico cinema autoral do diretor José Eduardo Belmonte (“Alemão” e “Aurora”) já rendeu ao cinema algumas joias (“Gorila”, “Se Nada Mais Der Certo”) em sua imparável produtividade, ao devassar os códigos (sobretudo morais) de uma sociedade que é craque em ser hipócrita. Só não se esperava que ele devassasse o neopentecostalismo brasileiro – indo aos intestinos do sistema digestivo das crenças evangélicas – com a contundência que faz em “Justino – Nos Bastidores do Reino”. Há sessão dessa joia nesta terça-feira na Mostra de São Paulo, às 16h40, no Reserva Cultural 2.

É uma adaptação dos relatos literários do ex-pastor e escritor são-gonçalense Mário Justino (lan-

É ver e crer... pra mudar

Surpresa de Gramado, ‘Justino’ desata amarras do fundamentalismo e celebra a maturidade de José Eduardo Belmonte na direção

çados em livro pela Geração Editorial). Esse pregador já descrente dos pregos do obscurantismo é bem interpretado por Christian Malheiros. O ator levou o Kikito para casa, quando o longa-metragem fez sua primeira projeção pública, no Festival de Gramado, atropelando a Serra Gaúcha. Belmonte dividiu

com Ivan Finotti a merecida láurea de Melhor Montagem.

Mais frenético do que em seu discurso fílmico habitual, Belmonte usa um nome fictício para falar da Igreja Universal e transforma um Caio Blat na raia do assombro num alter ego de Edir Macedo. Ao cair nas lábias de servos de Cristo, num

momento de selvagem segregação entre os racistas de sua escola e de cansaço em relação à brutalidade de seu pai (Antonio Pitanga), Justino encontra abrigo na Palavra de Nosso Senhor.

Seu erro foi se deixar encantar por uma pregação capitalista da Bíblia. Numa edição pautada à vis-

ceralidade, feita por Finotti e pelo próprio realizado, o longa encontra na figura da estrela de stand-up trans (mas chamada no roteiro de travesti) Danuza, personagem de Onna Silva, seu grande eixo de empatia. É uma presença que iluminou Gramado e saiu de lá com um prêmio especial. É a vez de ela iluminar SP.

Paralelamente à Mostra, Belmonte está lançando “Assalto À Brasileira”, com Malheiros e Murilo Benício, que chega às telas no próximo dia 5. O enredonse passa na manhã de 10 de dezembro de 1987, no centro de Londrina, no Paraná. Por volta das 11h, sete homens armados e com os rostos encobertos invadiram a principal agência do Banestado, renderam os vigias e anunciaram um roubo. O que parecia ser mais uma ação criminosa se transformaria em um acontecimento político, acompanhado por milhares de pessoas nas ruas e marcado por um desfecho de deixar os cinemas boquiabertos.

DICAS DE TERÇA

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

NESTE QUARTO, de Ana Rocha de Sousa (Portugal): Uma ode ao fado na escuta de uma de suas vozes mais lúdicas e potentes: Carminho. Neste poema documental, a diretora de “Listen” (2020) acompanha a cantora e compositora portuguesa em uma turnê por seu país e pelo Japão. Entre concertos, bastidores, quartos de hotel, táxis, silêncios e sussurros, o filme entrelaça o universo fadista com a paisagem deste país orinetal, numa rica interseção entre culturas. Onde: IMS, 14h.



Divulgação

ISABEL, de Gabe Klinger (Brasil): Marina Person merece todos os prêmios do mundo por sua atuação nesta comédia etílica, com ar de “Sessão da Tarde”, lançada na Berlinale. Numa SP com a maior cara de Irajá, a sommelier Isabel zanza entre o chamego do DJ francês Fred (Gregory Chastang) e a amizade pétrea do futuro expert em bebidas Nico (Caio Horowicz). Ela está cansada de seu patrão, o chef Tommaso (Marat Descartes) e pensa em abrir um bar de vinhos. Onde: Espaço Petrobras 1, 19h45.



Divulgação

CORAÇÃO DE LONA, de Tuca Siqueira (Brasil): Ao longo de 95 minutos, o longa acompanha Inês, bailarina que vive com a família num circo em decadência. Depois de perder um filho, ela precisa atravessar uma dor que transforma a relação com o passado. Tuca trata a história como uma fábula realista sobre encerramento de ciclos. Representante do Brasil na competição oficial da Biarritz, essa produção é fotografada por Gustavo Pessoa Tijolinho com montagem de Tainá Menez. Onde: Espaço Petrobras 1, 21h30.

ARTIGO

PAULA MARTINEZ MELLO

Secretária Executiva do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM/RJ) e jornalista



Divulgação

'Carmen: O Pássaro Rebelde' parte da novela de Prosper Merimée e da ópera que a imortalizou para sugerir um novo futuro que abraça a liberdade no lugar do fatalismo do feminicídio

Iniada em 15 de outubro, a 50ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo trouxe uma joia da animação, de DNA europeu: "Carmen, o Pássaro Rebelde", de Sébastien Laudenbach, uma releitura da história imortalizada pela ópera "Carmen", de Georges Bizet. Exibido na Quinzena dos Cineastas do Festival de Cannes, o filme recupera uma das personagens mais fascinantes da história da arte para falar de liberdade, destino e solidariedade.

Saio da sessão emocionada com a beleza do filme, seu manifesto contra o feminicídio e a força da união entre os personagens. A sororidade ganha vida nos traços em guache e na força das cores, ora intensas, ora delicadas. A profusão de tons se alterna com o monocromático, criando sombras e clarões. As cores não apenas dão forma à narrativa: parecem ter vida própria, expressam sentimentos e se tornam personagens.

Em 1875, a estreia da ópera de Bizet, na Opéra-Comique de Paris, provocou reações controversas e escândalo. O compositor não viveu para testemunhar o sucesso que "Carmen" alcançaria, transformando-se em um símbolo da liberdade feminina. A ironia é que a sociedade francesa, que havia se revoltado em 1789 contra a monarquia e os privilégios da Igreja, ainda não estava pronta para acolher uma mulher que exigia o direito de viver o próprio desejo.

E ainda hoje não estamos.

O filme não desgruda da cabeça. Penso em Simone de Beauvoir e na célebre frase de "O Segundo Sexo", de 1949: "Não se nasce mulher: torna-se mulher". Lembro das gerações

Não somos obrigadas a nos conformar

de mulheres que precisaram desafiar as regras para conquistar o direito de decidir sobre a própria vida. E chego a "Não Sou Obrigada", música de Pocah, lançada em 2019. Entre a filosofia, a ópera e o funk, ecoa a mesma recusa a viver sob o controle alheio. Conquistar direitos é fundamental e defendê-los continua sendo uma tarefa permanente.

Em uma Sevilha de 1845, entre mercados coloridos, marinheiros, trabalhadores, golpistas e gente à margem das convenções, o adolescente Salvador conhece Carmen, uma bela cigana. Aprendiz de Antonio, um amolador de facas cego que prevê o futuro, ele descobre que, segundo as visões do mestre, ela está fadada à morte.

Salvador tenta mudar esse destino. Carmen encanta com sua música, que evoca um dos trechos mais conhecidos da ópera de Bizet: "L'amour est un oiseau rebelle" — o amor é um pássaro rebelde. Ao jovem se juntam outros marginaliza-



dos, liderados pela adolescente Belén, que também desafia as convenções impostas às mu-

lheres, com seu corte de cabelo e visual andrógino.

Na ópera, Carmen não aceita pertencer a ninguém. Ama quando quer, deixa de amar quando deseja e não transforma sentimentos em obrigação. Don José, incapaz de aceitar a rejeição, confunde amor com posse e transforma o desejo de controle em violência. Carmen acaba assassinada porque se recusa a voltar para um homem que pretende decidir por ela.

A animação parte dessa tragédia, mas introduz uma possibilidade nova: a resistência coletiva. Salvador não se conforma com a previsão de Antonio, e Belén e os jovens que a acompanham também entram na luta. A pergunta que fica é simples e incômoda: se o futuro parece escrito, precisamos aceitá-lo?

Quantas vezes a violência contra as mulheres é tratada como inevitável ou como um problema privado? Quantas tragédias poderiam ser evitadas se a li-

berdade feminina não fosse vista como afronta e se aqueles que testemunham a violência decidissem agir?

Há algo bonito na escolha desses jovens marginalizados como protagonistas da resistência. Eles não são heróis tradicionais, mas pessoas que também vivem fora da ordem estabelecida. Justamente por isso, recusam-se a assistir passivamente aos acontecimentos.

O pássaro rebelde do título remete à célebre Habanera, na qual Carmen compara o amor a uma ave que não se deixa aprisionar. A imagem continua poderosa: não há liberdade quando o afeto disfarça a dominação e o machismo.

A história de Carmen atravessou diferentes linguagens artísticas. A novela de Prosper Mérimée, publicada em 1845, inspirou o libreto de Henri Meilhac e Ludovic Halévy e a ópera de Bizet, estreada em 1875. Agora, a animação de Laudenbach acrescenta outro olhar à personagem, trazendo para o centro a solidariedade e a possibilidade de enfrentar aquilo que parecia inevitável.

Talvez a pergunta mais importante desta releitura não seja apenas como salvar Carmen, mas porque uma mulher ainda precisa lutar tanto para ser livre.

Ao imaginar personagens que se recusam a aceitar uma tragédia anunciada, Carmen, o Pássaro Rebelde nos lembra que nem todo destino precisa ser cumprido. Diante da violência, não basta lamentar: é preciso agir, romper o silêncio e não aceitar o inevitável. Mulheres não podem continuar morrendo simplesmente por serem mulheres.

Quem dá a aula aqui?

‘Margaridas’, comédia de Cecília Ripoll propõe uma discussão sobre educação

Cinco professoras chegam para uma aula e cada uma supõe que as outras quatro sejam alunas. Deste desencontro nasce “Margaridas”, comédia de Cecília Ripoll com direção de Natasha Corbelino que volta ao Teatro Poeira, em Botafogo, a partir de 3 de novembro. Ana Achcar, Bel Flaksman, Dani Barros, Graciana Valladares e Mariana Consoli formam o elenco.

O encontro acontece num espaço de coordenadas incertas — sala de aula ou palco, passado ou futuro. A peça percorre um arco de 200 anos, de 1916 a 2116, e usa o salto temporal para aproximar experiências de ensino e as transformações no lugar social da educação. Na véspera, as cinco passaram por uma situação de violência envolvendo o pai de um estudante, fato que tira a cena do



Da esq para dir, Bel Flaksman, Dani Barros, Graciana Valladares, Mariana Consoli e Ana Achcar

“A peça nos faz rir das diferenças entre essas mulheres, mas também nos convida a refletir sobre algo muito atual e urgente”

NATASHA CORBELINO

terreno da simples farsa.

Ana Achcar idealizou o projeto a partir de mais de três décadas como professora, diretora e pes-

quisadora de teatro na UniRio. “Quis estar em cena com essas pessoas que tiveram um papel tão importante na minha vida”, afir-

ma. O elenco reúne artistas que também compartilham trajetórias de formação e trabalho.

“Margaridas” nasceu livremente

Uma refém digital

Espectáculo de Marcos França transforma o excesso de telas e as mudanças climáticas em aventura para crianças e famílias

Micaela esqueceu como se brinca quando o mundo virtual a captura. É desse ponto que “Sai da Tela, Micaela!” parte, aos sábados e domingos (16h, na EcoVilla Ri Happy. O espetáculo infantil-juvenil escrito e idealizado por Marcos França faz da travessia da personagem uma aventura sobre o uso excessivo de telas na infância e sobre a relação das crianças com as mudanças climáticas.

Na trama, a rotina da menina

gira em torno dos programas de um influenciador. Certo dia, ela é misteriosamente capturada e se vê presa dentro de uma tela, onde descobre um mundo diferente daquele que imaginava — e precisa encontrar o caminho de volta para a realidade. As mudanças climáticas entram nessa travessia sem separar ambiente e rotina: a atenção dirigida ao aparelho, a brincadeira interrompida e a percepção do mundo que fica fora do enquadramento digital



A menina Micaela se vê presa dentro de uma tela e precisa encontrar uma saída para a realidade

inspirada em “Apareceu a Margarida”, texto de estreia de Roberto Athayde montado em 1973 no Teatro Ipanema e consagrado pela interpretação de Marília Pêra, sob direção de Aderbal Freire-Filho. Ripoll e Corbelino desenvolvem uma nova situação dramática, centrada em cinco professoras que disputam a posição de quem ensina e de quem aprende. E a ação se amplia quando as personagens reconhecem as marcas de uma violência comum e o peso de suas próprias histórias.

Corbelino aponta a dificuldade de ouvir quem pensa diferente como questão central da encenação. “A peça nos faz rir das diferenças entre essas mulheres, mas também nos convida a refletir sobre algo muito atual e urgente”, diz a diretora.

Para Cecília Ripoll, a escrita começou por conversas e depoimentos da equipe, com relatos que passavam da condição de professora à de aluna, como se os dois lugares nunca estivessem separados. Dali saiu a pergunta que estrutura o espetáculo: e se a trama nascesse de uma confusão absoluta entre quem conduz a aula e quem deveria recebê-la?

A direção de movimento é de Gabriela Luiz; Isadora Medella assina a direção musical; Jovanna Souza, a direção de arte; e Lara Cunha, a iluminação, com assistência de direção de Waleska Arêas, produção da Ciranda de 3 Trupe Produções e fotografias de Ana Alexandrino.

SERVIÇO

MARGARIDAS

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
De 3/11 a 16/12, terças e quartas (20h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

compõem a mesma conversa com o público infantil, posta em cena pela ação de uma personagem.

O texto nasceu de uma observação doméstica. França, que também assina o livro homônimo publicado pela Verso Livre Editorial, contou que criou a história olhando para a rotina da própria filha, de 7 anos. A montagem tem direção e produção de Ana Paula Abreu, e livro e palco formam um mesmo projeto — a leitura não é pré-requisito para assistir à peça. É uma forma leve de tratar um assunto hoje recorrente nas conversas de pais, educadores e crianças.

Lançada numa situação fantástica, a menina precisa perceber a diferença entre consumir imagens e viver o que existe ao redor.

SERVIÇO

SAI DA TELA, MICAELA

EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008)
Até 8/11, sábados e domingos (16h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Paladares cariocas

O Rio também se fotografa com a boca. Há sabores que têm endereço, hora marcada e uma estranha capacidade de nos devolver ao passado. Basta uma mordida. Um gole. E pronto. A memória abre suas janelas, o mar reaparece ao fundo e a Cidade Maravilhosa se senta à mesa.

Na praia, o ritual é simples. Biscoito Globo e Mate Leão. O biscoito estala entre os dentes, leve, quase nada. O mate desce gelado, doce, refrescante. Uma combinação improvável que virou patrimônio afetivo das areias cariocas. O vendedor passa equilibrando o isopor, a lata tilinta, o sol bronzeia a pele. Não há sofisticação. Há sensualidade. Há Rio. E há sabores que ficaram na saudade.

Quem provou os sorvetes do Dragão Chinês sabe que certas lembranças não derretem. A memória guarda também os gelados da Maria Tereza Vaz, com seus sabores que pareciam ter vida própria. O chocolate africano, intenso, quase misterioso. O Moraes, daqueles que a gente não esquece. Eram mais que sorvetes. Eram pequenas cerimônias de felicidade, fotografias coloridas de uma cidade que sabia transformar o cotidiano em festa. O Rio tem dessas coisas. O sabor passa pela língua, mas permanece em algum lugar mais fundo.

Nos balcões, outras paixões resistem ao tempo. O bolinho de bacalhau do Jobi. Crosta dourada, interior macio, cheiro que chega antes do prato. No Bracarense, o bolinho também tem sua legião de admiradores. O chope gelado sua no copo. A conversa cresce. O guardanapo se amassa. O botequim vira extensão da calçada, e a calçada, sala de estar de uma cidade inteira. Ali, ninguém come apenas para matar a fome. Come-se para encontrar os amigos, rever os ausentes, discutir futebol, contar vantagem, rir alto. O petisco é quase um pretexto. O afeto, o prato principal.

Mas o Rio tem outra gastronomia. Menos comportada. Mais noturna. É a cozinha dos podrões. Depois da madrugada, quando as luzes das boates se apagam e os últimos acordes ainda ecoam na cabeça, aparece o sanduíche generoso, o cachorro-quente carregado de molhos, milho, batata palha e tudo aquilo que a fome — e a liberdade — permitirem. O balcão improvisado ilumina a calçada. A chapa chia. O cheiro se espalha pela rua. É quase manhã. Há quem volte da noitada, quem saia do trabalho, quem simplesmente não queira encerrar a noite sem aquele último pecado gastronômico. O podrão não pergunta de onde você vem. Apenas acolhe.

E talvez seja essa a grande receita carioca: misturar tudo, sem cerimônia, sem pedir licença. A elegância da praia e a desordem da madrugada. O sorvete sofisticado e o sanduíche de esquina. O bolinho de bacalhau servido no balcão e o biscoito com mate consumido de pé, diante do mar. Cada sabor tem sua luz. Cada aroma, sua paisagem. Cada mordida, uma história. Porque a sensualidade do Rio não está apenas nas curvas das montanhas, no desenho das ondas ou na pele dourada pelo sol. Está também no prazer de comer. No sal que fica nos lábios depois do mergulho. No gelado do mate. Na crocância do biscoito. No tempero que desperta o paladar. Na última garfada compartilhada, quando ninguém tem pressa de ir embora. O Rio seduz pelos olhos. Conquista pelo ouvido. Mas também sabe apaixonar pela boca.

E quem experimenta seus sabores descobre que a Cidade Maravilhosa tem tempero próprio. Uma mistura de mar, memória, botequim, saudade e desejo. Paladares cariocas. Sabores que não se explicam. Sentem-se. E nunca mais se esquecem.

